



Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS

Curso de Comunicação Social

Habilitação em Jornalismo

Disciplina: Monografia

Professor Orientador: Mauro Castro M.Sc.

**O jornalismo e a TV Digital:  
O processo de digitalização nas emissoras de TV do ponto de  
vista técnico e jornalístico**

Fábio Nunes Leão Seabra

RA: 2071709/7

**Brasília  
2010**

Fábio Nunes Leão Seabra

**O jornalismo e a TV Digital:  
O processo de digitalização nas emissoras de TV do ponto de  
vista técnico e jornalístico**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Professor Mauro Castro M.Sc.

**Brasília  
2010**

Fábio Nunes Leão Seabra

**O jornalismo e a TV Digital:  
O processo de digitalização nas emissoras de TV do ponto de  
vista técnico e jornalístico**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

**Banca Examinadora**

---

Professor Mauro Castro M.Sc.  
Orientador

---

Professor Luiz Cláudio Ferreira  
Examinador

---

Professor Sérgio Euclides  
Examinador

**Brasília  
2010**

Dedico esse trabalho aos meus pais, Herluino Seabra Guimarães Neto e Leica Nunes Batista que tanto me apoiaram na escolha do curso e da instituição de ensino. Que sempre tiveram como meta a formação profissional de seus dois filhos e que me proporcionaram a conclusão do curso de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Dedico também a toda a minha família, em especial minha irmã Lílian Nunes Leão Seabra, minha avó materna Wanda Nunes Batista, minha tia Lígia Nunes Batista e a meu tio Ralfe Nunes Batista ao qual teve grande parcela de culpa na escolha do curso de graduação.

Dedico ainda aos meus colegas de turma Bianca Lima, Pablo Emílio, Thais de Luna e João Paulo Resende, que durante esses quatro anos de graduação, estiveram ao meu lado em momentos indescritíveis e que, de alguma forma, me deram força e coragem para vencer os obstáculos. Dedico também aos meus amigos e colegas que fizeram e que farão parte da minha história de vida Ariadne Nascimento, Gisele Pereira Gomes, Natália Guimarães, Adriana Barbosa, João Átila Seabra, Alexandre Penido, Gabriel Vasconcelos, André Silva, Cléber Xavier, Adriano Dani, Leopoldo Ricardo M. Barbosa, Regina Malheiros, Dênia Freitas de Oliveira, Jorge Teles, Halem Gabriele, Ana Graziela Aguiar, Bruno de Paula, Aparecida Rezende, Débora Brito, Nestor Figueiredo, Renato Machado, Leonardo Cruz, Marcelo Menuzzi, Robson Alfieri e Deivid Aljonas. Pessoas que acreditaram e acreditam em mim e no meu potencial.

Dedico aqui também aos meus professores Paulo Paniago, Sérgio Euclides, Letícia Renault, Mario de Souza, Luiz Lobo, Ida Böing, Marisa M. Macedo, Cláudia Busato, Magda de Lima Lúcio, Alexandre Ribeiro, Bruno Nalon, Henrique Moreira, Vivaldo de Sousa, Mônica Prado, Aline Machado, aos técnicos, Jackson Silva e Cleidivan Silva que me ensinaram e me apoiaram em trabalhos ligados ao telejornalismo. Em especial, dedico esse trabalho ao meu professor orientador Mauro Castro, que se dedicou, me apoiou, esteve nos momentos em que realmente precisei e que aceitou logo no primeiro encontro a idéia do trabalho realizado e o convite de ser meu orientador.

## **Agradecimento**

Quero agradecer, em primeiro lugar a Deus e ao meu anjo guardião por toda luz, proteção, cargas e energias positivas que me deram e me dão todos os dias de minha vida. Agradeço aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado me dando apoio e orientação nas minhas escolhas.

Também deixo um agradecimento carinhoso a minha avó Wanda Nunes Batista e a minha madrinha Lígia Nunes Batista que são minhas segundas mães. Em especial, agradeço meu professor orientador Mauro Castro pela orientação, apoio, dedicação e paciência.

“Não é digno de saborear o mel aquele que se afasta da colméia com medo das picadelas das abelhas” William Shakespeare

## Resumo

O trabalho apresenta as mudanças que estão ocorrendo dentro das emissoras de TV, em função da tecnologia digital, do ponto de vista técnico e jornalístico. Aborda o jornalismo e como são as redações nas diferentes áreas, inclusive na TV. Apresenta de uma forma resumida e direta, a TV Analógica, o que é VHF e UHF e a TV Digital e o padrões já existentes, além daquele adotado pelo Brasil, ou seja, o padrão Japonês, ISDB. Apresenta uma pesquisa de como está esse processo de digitalização, com aplicação de um questionário em quatro emissoras de TV em Brasília.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Mídia. TV Analógica. TV Digital. Sistema de TV Digital.

## Sumário

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
1.1	Metodologia .....	10
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
2.1	O jornalismo nos dias atuais .....	12
2.1.1	<i>O jornalismo na mídia impressa.....</i>	<i>17</i>
2.1.2	<i>O jornalismo nas assessorias .....</i>	<i>18</i>
2.1.3	<i>O jornalismo na mídia online.....</i>	<i>18</i>
2.1.4	<i>O jornalismo na mídia eletrônica.....</i>	<i>19</i>
2.2	TV .....	21
2.3	TV Digital .....	24
<b>3</b>	<b>DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA .....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>36</b>
	<b>ANEXO .....</b>	<b>38</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Devido à ciência, aos estudos e ao avanço tecnológico, surge a TV Digital. No Brasil foi adotado o padrão Japonês – ISDB e após a assinatura do decreto nº 5.820 do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em junho de 2006, que dispõe sobre a implantação do Sistema Brasileiro de Televisão Digital terrestre – SBTVD-T e que “estabelece diretrizes para a transição do sistema de transmissão analógica para o sistema de transmissão digital do serviço de radiodifusão de sons e imagens e do serviço de retransmissão de televisão, e dá outras providências” (BRASIL, Decreto nº5.820, 2006), a TV Digital teve sua primeira transmissão na cidade de São Paulo em 2007.

Essa nova ferramenta proporciona melhor qualidade de som e imagem para o telespectador. Com o surgimento da TV Digital, grandes empresas de comunicação do Brasil investem em equipamentos tais como antenas, novas câmeras e computadores com *softwares* mais avançados.

Com uma melhor qualidade de imagem é possível identificar pontos e falhas desde um local externo ou estúdio até mesmo nas marcas e falhas de maquiagem de um repórter ou apresentador. Não só no entretenimento, mas também no jornalismo televisivo. A TV Digital poderá proporcionar novos conceitos e formas de se fazer TV e isso inclui produção e edição de um determinado programa seja ele telejornal ou não.

Tendo tal explicação como base, torna-se relevante apresentar quais são as novidades da TV Digital, do ponto de vista jornalístico, para mostrar o que há de novo e de que forma a TV Digital influencia nas produções de programas de TV, na percepção do telespectador, do ponto de vista da informação – jornalismo –, além de, apresentar as mudanças que esse meio proporciona e, dessa forma, analisar a tendência do jornalismo televisivo.

A digitalização dos meios de comunicação, como rádio e TV provoca mudanças no formato e na programação que podem ser transmitidos, atualmente, em *Smartphones, Laptops* – em sites, blogs e agências de notícias – entre outros. O acesso à notícia poderá ser cada vez mais fácil e por isso é necessária mudanças na produção e edição dos programas, inclusive telejornais, até pelo fato de que a TV Digital poderá proporcionar, em um futuro não distante, a interatividade.

O tema proposto tem como objetivo geral estudar a TV Digital e as mudanças que ela provoca no mundo jornalístico do ponto de vista da edição, produção, texto e formatação. Esse objetivo de pesquisa ramifica-se aos seguintes objetivos específicos:

- Mostrar quais as novidades e de que forma a TV Digital influencia nas produções de programas de TV na percepção do telespectador;
- Desenvolver um estudo sobre a TV Digital do ponto de vista da informação, jornalismo e não entretenimento;
- Apresentar as mudanças que a TV Digital proporciona em um telejornal. Mudanças que vão desde os equipamentos até texto e programas de edição e postura profissional do jornalista e repórter;
- Identificar e apontar quais as transformações de um telejornal com a chegada da TV Digital;
- Analisar a atual tendência do jornalismo televisivo.

Este trabalho sobre o estudo da TV Digital, em específico, da parte jornalística no veículo TV, justifica-se, pois, tanto a TV quanto a Rádio Digital são assuntos inéditos e de relevância. Ainda não há muitos estudos sobre o tema, pois por ser um assunto recente e por ser uma nova ferramenta que proporciona melhor qualidade de áudio e imagem, empresas de televisão, por exemplo, investem sempre em equipamentos melhores, mais modernos e eficientes para o público consumista e exigente.

Pesquisa sobre TV Digital existe. É possível encontrar bons estudos sobre o tema, sobre os benefícios que a TV Digital proporciona, mas sobre as mudanças, do ponto de vista produção e edição em uma matéria jornalística, há poucos trabalhos publicados. Talvez seja possível encontrar oficinas para treinar e ensinar técnicos que trabalham com aparelhos e novos programas de edição, mas pesquisa sobre o tema se torna algo difícil.

## 1.1 Metodologia

Lakatos e Marconi apresentam o método de abordagem que “se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade” (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 106). Por esse motivo, o método engloba os métodos indutivo, dialético, hipotético-dedutivo e o dedutivo. O método deste trabalho é o dedutivo, aquele “que, partindo das teorias e leis, na maioria das vezes prediz a ocorrência dos fenômenos particulares” (LAKATOS; MARCONI, 2001, p.106), em outras palavras, “parte de premissas gerais, teorias e leis, para predizer a ocorrência dos fenômenos particulares” (SANTAELLA, 2001, p. 137).

Para a pesquisa de campo deste trabalho, a técnica usada foi aplicação de formulários nas emissoras de TV. As técnicas “correspondem, portanto, à prática de coleta de dados. Apresentam duas grandes divisões: *documentação indireta*, abrangendo a pesquisa documental e a bibliográfica e *documentação direta*” (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 107). A documentação direta se subdivide em observação direta intensiva, ou seja, observação e entrevista e observação direta extensiva, que são: questionários, medidas de opinião e de atitudes, testes, sociometria, análise de conteúdo, história de vida, pesquisa de mercado e formulário, que é um “roteiro de perguntas enunciadas pelo entrevistador e preenchidas por ele com as respostas do pesquisado” (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 107).

Foi utilizada uma amostra limitada, como Mattar propõe, ou seja, amostras por conveniência (ou acidentais). Ele explica que há tipos de amostras não probabilísticas. São elas: amostras por conveniência (ou acidentais), amostras intencionais (ou por julgamento), amostras por quotas (ou proporcionais), amostras por tráfego, amostra autogeradas e amostras desproporcionais.

O tipo que mais se encaixa a este trabalho científico seria amostras por conveniência (ou acidentais), pois, como o autor mesmo diz, “é o tipo de projeto de amostragem menos confiável, apesar de barato e simples” (MATTAR, 1999, p. 271). Mattar explica ainda que é um tipo de amostra utilizada muitas vezes para testar ou obter “idéias sobre determinado assunto de interesse” e que “esta forma de amostragem pode dar impressão de ser tão boa que pareça desnecessário utilizar

outras formas mais sofisticadas e precisas” (MATTAR, 1999, p. 271). As amostras por conveniência:

prestam-se muito bem aos objetos da pesquisa exploratória, e não são recomendadas para pesquisas conclusivas. Alguns exemplos de amostras por conveniência:

- solicitar a pessoas que voluntariamente testem um produto, e em seguida respondam a uma entrevista;
- parar pessoas num supermercado e colher suas opiniões;
- durante um programa de televisão ao vivo, colocar à disposição dos telespectadores linhas telefônicas acopladas a computadores para registrar, automaticamente, opiniões a favor ou contra alguma colocação formulada (MATTAR, 1999, p. 271 - 272).

Conclui-se que em qualquer desses exemplos, “o elemento pesquisado foi auto-selecionado, ou selecionado por estar disponível no local e no momento em que a pesquisa estava sendo realizada” (MATTAR, 1999, p. 272).

O uso de pesquisa bibliográfica também é de grande importância, pois

procura explicar um problema a partir de referências teóricas em artigos, livros, dissertações e teses. Pode ser realizada independentemente ou como parte de pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema (BERVIAN; CERVO; DA SILVA, 2006, p. 60).

Bervian, Cervo e Da Silva concluem que pesquisa bibliográfica “constitui geralmente o primeiro passo de qualquer pesquisa científica” (BERVIAN; CERVO; DA SILVA, 2007, p. 61).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O jornalismo nos dias atuais

Durante toda a graduação, o aluno de comunicação social, com habilitação em jornalismo, tem a oportunidade de lidar com vários meios de comunicação. Tem a oportunidade de estudar matérias teóricas para ter uma base. Além disso, há também as matérias práticas.

Com a teoria aprendida dentro das salas de aula da faculdade é possível saber qual a área que cada um pretende seguir. Cada aluno se identifica com um determinado gênero, com determinados materiais, mas é com experiência profissional que cada um capta a vocação desejada.

A área de jornalismo possibilita o profissional trabalhar em áreas como: mídias impressas, mídias eletrônicas e mídias *online*, ou seja, jornais impressos, revistas, rádio, TV, portais, agências de notícias, além de claro, assessoria de comunicação e assessoria de imprensa.

As empresas de comunicação em pleno século XXI no Brasil e o mercado de trabalho para os profissionais dessa área apresentam uma realidade que é apenas conhecida àqueles que já passaram por situações onde há uma necessidade pela busca de emprego e aqueles que já possuem certa experiência profissional, seja ela estágio ou não.

Muitos jovens estudantes buscam jornalismo por acreditar em bons salários e um *glamour*, mas a realidade é diferente do que se imagina (JORNALISTA, 2006, p. 58).

A categoria se ressentida de uma série de problemas, entre os quais a dificuldade para conseguir emprego, as jornadas de trabalho estafantes, às vezes de mais de 10 horas por dia, incluindo fins de semana, e a remuneração insatisfatória. Segundo dados da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), o Brasil possui hoje 60 mil jornalistas em atividade. Desses, 17 mil estão em São Paulo, [...]. No entanto, apenas pouco mais da metade, cerca de 8.830, tem carteira assinada. O restante atua informalmente ou possui microempresas de comunicação [...]. Aproximadamente 10% dos profissionais trabalham no sistema de *freelance*, ou seja, sem carteira assinada [...]. Outros 3,8 mil jornalistas estão desempregados, e o restante trabalha sem vínculo, produzindo matérias e recebendo individualmente por tarefa (JORNALISTA, 2006, p. 58 - 59).

É importante destacar que a forma como é feito jornalismo no Brasil se assemelha ao Norte Americano, ou seja, pirâmide invertida. Muitos veículos de

comunicação possuem editoriais diferentes e formas de lidar com a notícia. Alguns veículos têm um público específico e que por esse motivo trabalha com pautas, matérias frias, ou seja, informações que não ocorrem necessariamente no dia-a-dia, outras com matérias quentes, com o factual. Mas uma coisa que não as difere é a questão da forma como a matéria é produzida, seja em qual meio for, seja em qual veículo for. A técnica usada é a da Pirâmide Invertida. Mas não é uma regra geral, como por exemplo, em alguns documentários.

A técnica da pirâmide invertida pode resumir-se em poucas palavras: a redação de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta às perguntas O quê, quem, onde, como, quando e por quê – seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse (CANAVILHAS, p. 5).

O jornalismo nada mais é do que “a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e de mortes. [...] É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia” (TRAQUINA, 2005, p. 19). Nelson Traquina, em seu livro *Teorias do Jornalismo – Porque as notícias são como são, Volume I*, conta que jornalismo pode ser explicado como a resposta da pergunta que todas as pessoas fazem todos os dias, como por exemplo, *O que aconteceu? O que está acontecendo com o mundo?*, pois ao longo do tempo as pessoas têm necessidade de saber o que está acontecendo ao seu redor, há um interesse pela informação e o papel do jornalista é contar essas histórias e informar a sociedade que tem interesse em saber o que está acontecendo (TRAQUINA, 2005, p. 20 - 21). Por esse motivo, talvez o jornalismo seja a profissão mais difícil e com maior responsabilidade social (TRAQUINA, 2005, p. 22).

Traquina explica também que há dois pólos que “começam a tornar-se dominantes na emergência do campo jornalístico contemporâneo”. Um deles seria o pólo econômico, ou seja, notícia como sendo um negócio e o pólo ideológico, que seriam as notícias como um serviço público (TRAQUINA, 2005, p. 24).

Um dado muito importante do jornalismo que se observa até hoje é a questão de que se trata de um trabalho:

Condicionado pela pressão das horas de fechamento, pelas práticas levadas a cabo para responder às exigências da tirania do fator tempo, pelas hierarquias superiores da própria empresa, e, às vezes o(s) próprio(s) dono(s), pelos imperativos do jornalismo como um negócio, pela brutal competitividade, pelas ações de diversos agentes sociais que fazem a “promoção” dos seus acontecimentos para figurar nas primeiras páginas dos jornais ou na notícia de abertura dos telejornais da noite (TRAQUINA, 2005, p. 25).

Dentro de uma empresa de comunicação, observa-se que “mesmo desde antes do século XIX o jornalismo tem sido um negócio e as notícias uma mercadoria que tem alimentado o desenvolvimento de companhias altamente lucrativas” (TRAQUINA, 2005, p. 27). O sociólogo francês Pierre Bourdieu diz que há “dois pólos do campo jornalístico contemporâneo” que seriam: o pólo intelectual e o econômico, diferentemente dos mencionados anteriormente. Os pólos que Bourdieu menciona, “tornam-se dominantes no jornalismo ao longo do século XIX, diminuindo a importância do ‘pólo político’” (TRAQUINA, 2005, p. 27). Para muitos profissionais da comunicação, em específico, do jornalismo e para a sociedade, esse pólo econômico é algo negativo, “que associa o jornalismo ao cheiro do dinheiro e a práticas como o sensacionalismo”, com o principal objetivo de se vender o jornal e ganhar audiência e isso acaba fazendo com que “valores associados à ideologia profissional” sejam esquecidos (TRAQUINA, 2005, p. 27 - 28). “O jornalismo que conhecemos hoje nas sociedades democráticas tem as suas raízes no século XIX”, período onde se verifica “o desenvolvimento do primeiro *mass media*, a imprensa”. O século XIX foi um período muito bom para o jornalismo, pois houve uma “expansão dos jornais” e isso possibilitou novos empregos e, àquela época, o objetivo maior era “fornecer informação e não propaganda” (TRAQUINA, 2005, p. 34).

Este novo paradigma será a luz que viu nascer valores que ainda hoje são identificados com o jornalismo: a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço ao público – uma constelação de idéias que dá forma a uma nova visão do “pólo intelectual” do campo jornalístico (TRAQUINA, 2005, p. 35).

No novo jornalismo, “por um lado, a teoria democrática apontava para que o jornalismo cumprisse um duplo papel: 1) com a liberdade ‘negativa’, vigiar o poder político e proteger os cidadãos dos eventuais abusos dos governantes”, ou seja, impedir que algo de ruim aconteça e “2) com a liberdade ‘positiva’, fornecer aos cidadãos as informações necessárias para o desenvolvimento de suas responsabilidades cívicas, tornando central o conceito de serviço público como parte da identidade jornalística”, ou seja, promove para que algo de bom aconteça (TRAQUINA, 2005, p. 50).

Por outro lado, a comercialização da imprensa torna o jornalismo mais independente dos laços políticos e transforma a atividade também numa indústria onde o novo produto – as notícias como informação – é vendido com o objetivo de conseguir lucros. A nova ideologia pregava que os jornais deveriam servir os leitores e não os políticos, pregava que traziam informação útil e interessante aos cidadãos, em vez de argumentos tendenciosos em nome de interesses partidários, pregava fatos e não opiniões (TRAQUINA, 2005, p. 50).

Traquina fala sobre as novas práticas e formatos jornalísticos. Ele coloca uma frase de Schiller que diz: “A divisão do trabalho alimentou a emergente profissão de jornalista” e destaca o papel do repórter que é uma figura que aparece no século XIX, e que “desenvolveu-se a nova técnica da estenografia, que transformou o trabalho de reportagem numa espécie de ciência” (SMITH, 1978, p. 161 Apud TRAQUINA, 2005, p. 58).

Segundo Smith, a estenografia foi “a primeira de uma longa série de técnicas jornalísticas que a princípio pareceu prometer ao leitor a recuperação completa de alguma semelhança com a realidade”. Acrescenta: “Ao apresentar ao leitor a ipsissima verba de um discurso, parecia de início que a reportagem era capaz de fornecer um verdadeiro espelho da realidade” (SMITH, 1978, p. 161 Apud TRAQUINA, 2005, p. 58).

Nos dias atuais, a figura do repórter é de grande importância, pois é ele que “vai a campo, vê, observa, pergunta, ‘sente’ o assunto, depois volta e redige. Bota tudo no papel como se estivesse escrevendo uma carta para alguém, contando a história” (HENNING, p. 7). O repórter deve ter o cuidado de sempre estar atento aos mínimos detalhes, deve ser uma pessoa observadora, “detalhes mínimos como o tipo de nó na gravata de um personagem, a abotoadura de ouro, o relógio Rolex, ou até se o sujeito tinha nariz grande, era canhoto ou usava brilhantina” (HENNING, p. 7).

Em veículos como o impresso, é importante manter todo o essencial da notícia dentro do espaço, o problema é que espaço sempre falta para muitos jornalistas, costume que está mudando, pois atualmente o profissional sabe o número de linhas que o trabalho deve ter (HENNING, p. 8). “Reportagem bem-feita é como um biquíni, diz-se nas redações (HENNING, p. 8). Tem de ser pequeno e cobrir o essencial”, mas o grande problema da questão é decidir o que for essencial numa matéria (HENNING, p. 8). “Para muitos jornais brasileiros, uma história pode ser bem contada em vinte linhas”, pois quanto menos textos, maior serão os espaços para as imagens. Isso pelo fato de que muitos leitores têm pouco tempo “e é preguiçoso” (HENNING, p. 8).

Entre nós é o jornalismo de colunas que prospera – o “colunismo”. São notícias dadas em um, dois parágrafos, e, algumas vezes, com informações importantíssimas. Verdadeiros “furos”. O negócio é escrever pouco. Repito: jornal de sucesso precisa de notas curtas e muitas fotos (HENNING, p. 8).

Já em veículos como a televisão, Henning explica que é um processo semelhante ao do impresso, ou seja, “a exigência de matérias curtas é bem maior. A



ordem é cobrir o essencial imaginando-se que, no dia seguinte, os jornais vão “cavoucar” mais fundo” (HENNING, p. 9).

Dentro desse quadro, como fazer uma boa reportagem para televisão? Acho que, no fundo, continua valendo a receita de Mino Carta. E cada um tem seu jeito de contar uma história. Pretensiosamente, eu diria que o importante é o repórter preservar o “seu jeito” (HENNING, p. 9).

Henning afirma que não se trata de “contar” a história e sim “mostrar” o fato, a notícia. Por esse motivo a TV é o meio que mais se distingue dos outros meios, pois há a necessidade das imagens.

Com a participação do cinegrafista, ou “repórter cinematográfico”, o repórter de tevê mais mostra a notícia. E ouvi-la até certo ponto, por isso a televisão tem um pouco do rádio. O que ele não vai fazer é ler a informação. Essa é a diferença (HENNING, p. 9).

Nas redações, como nas de TV, por exemplo, o repórter tem a pauta, que nada mais é do que um tipo de roteiro, pois “mostra o caminho” (HENNING, p. 9). Ela é a “ordem de serviço” que o repórter recebe antes de sair a campo (HENNING, p. 9). Outra característica das redações é o fato de sempre existir alguém disposto a dar opiniões e palpite sobre a matéria antes do repórter sair a campo. Na TV há toda uma equipe por trás do repórter (HENNING, p. 9). “São pauteiros, editores, chefes de Redação. A matéria quase sempre nasce com eles (HENNING, p. 9). Torna-se indispensável uma boa conversa antes de se ‘assumir’ uma história” (HENNING, p. 9). Esse é um assunto que será tratado mais adiante.

Muitas empresas de comunicação social atualmente possuem diferentes assessorias, como por exemplo, editoria de política, economia, cidades e cadernos especiais como de educação, moda, gastronomia, cultura e automóveis. Vale lembrar também a questão do jornalismo participativo, um tema que aparece muito na mídia *internet*.

É possível considerar que o desenvolvimento da Internet é caracterizado por catalisar uma modificação substancial no que se refere à estrutura e ação do campo midiático, principalmente no que diz respeito às práticas jornalísticas. As possibilidades de interação, gerenciamento de recursos de outras mídias e constituição de práticas narrativas adequadas a este espaço-informação demonstram que não estamos vivenciando uma simples adaptação conjuntural, mas sim transformações orientadas à compreensão da natureza de *modus operandi* do ciberespaço e as mudanças no papel dos jornalistas (CONCEIÇÃO, 2005, p. 1 - 2).

Ou seja, o avanço tecnológico, a *Internet*, o surgimento de *blogs*, a possibilidade de publicar vídeos e fotos por meio de celulares, por exemplo, em tempo quase que real e outras ferramentas que essa mídia proporciona, faz com que a participação de pessoas que não são jornalistas, produza informação e

conteúdo que poderia ter sido feito por um profissional da área. A realidade do jornalismo no século XXI é completamente diferente da do século XIX.

### 2.1.1 O jornalismo na mídia impressa

Diante da realidade do jornalismo, destacam-se os veículos impressos que são os que mais sofrem principalmente pelo avanço da tecnologia (JORNALISTA, 2006, p. 59).

Em redações de jornais e revistas, os profissionais de comunicação, em específico, os jornalistas podem exercer várias funções. São redações com um grande número de profissionais, dependendo da periodicidade do veículo e, obviamente, com o porte da empresa (JORNALISTA, 2006, p.61 - 62). “Hoje, o mais comum é encontrar redações enxutas, em que uma mesma pessoa realiza o trabalho de dois ou mais profissionais e o número de colaboradores é maior do que o de funcionários contratados” (JORNALISTA, 2006, p. 62).

Uma redação de um veículo impresso funciona, basicamente, da seguinte maneira:

No topo da pirâmide estão os diretores de redação, editores-chefes ou redatores-chefes, que coordenam o trabalho de toda a equipe. Esses profissionais, além de estarem presentes no dia-a-dia da redação, também cuidam de questões administrativas, como o controle e a distribuição de anúncios nas páginas dos veículos, e fazem a ponte entre os jornalistas e os proprietários do jornal ou revista, entre outras atividades. A função que ocupa o maior número de vagas numa redação é a de repórter. Ele é o “olho” do veículo, o profissional que vai a campo para entrevistar pessoas, fazer pesquisas e checar informações sobre determinado assunto ou denúncia, para depois redigir uma matéria. Ao seu lado está a figura do fotojornalista, que tem a função de sintetizar em imagens uma notícia. Eles costumam formar uma dupla inseparável (JORNALISTA, 2006, p. 62).

Em alguns jornais diários encontra-se a figura de um pauteiro que apresenta sugestões de pauta para a equipe de redação, além de organizar listas de eventos que poderão ser cobertos, *releases* que as assessorias de imprensa envia (JORNALISTA, 2006, p. 62). Há também a figura dos editores, redatores e em alguns veículos até revisores, para avaliar, organizar e corrigir o material apurado pelo repórter (JORNALISTA, 2006, p. 63).

### 2.1.2 O jornalismo nas assessorias

Nas assessorias de imprensa, assim como em assessorias de comunicação, o trabalho muda de figura. O trabalho nas assessorias é, de uma forma bem objetivo, prestar serviços para empresas. Um trabalho basicamente estratégico (JORNALISTA, 2006, p. 66).

O jornalista mantém contato com os veículos de comunicação (jornais, revistas, rádio, TV e internet) para divulgar notícias a respeito de seus clientes, como o lançamento de produtos, investimentos, resultados e entrevistas coletivas. O assessor é o canal entre o cliente e a imprensa, por isso precisa estar apto a responder perguntas que envolvam a empresa para a qual trabalha. Para que essa divulgação tenha sucesso, o assessor deve pensar em sugestões de pautas e enviá-las aos jornalistas. Essas sugestões são feitas por meio de textos informativos (*press releases*) transmitidos aos jornalistas (JORNALISTA, 2006, p. 66 - 67).

O objetivo desse tipo de profissional é também orientar os clientes sobre a forma certa de se portar durante a entrevista, como postura, por exemplo, principalmente em se tratando de casos polêmicos (JORNALISTA, 2006, p. 67).

### 2.1.3 O jornalismo na mídia online

Em veículos como a *internet* e agências de notícias, a coisa muda de figura. A internet no Brasil vem crescendo e praticamente está se tornando um meio onde outros meios de comunicação estejam presentes nela, inclusive a TV. Temos, atualmente, vários portais de notícias, *blogs* e diversas maneiras de publicação de matérias. Sites que, muitas vezes, são até mesmo, de empresas de mídia impressa.

Num site de notícias, o editor se responsabiliza pela atualização da página de sua área, pela seleção dos assuntos que merecem destaque na “capa”, ou seja, na página de abertura do portal de notícias, e pela finalização dos textos. O editor-chefe dos veículos de internet, assim como ocorre nas redações de jornais e revistas, coordena o trabalho produzido pela equipe de jornalistas e aprova o que será divulgado durante o dia. Acima do editor-chefe estão o gerente de conteúdo, que responde pelo teor das notícias veiculadas no portal e pela apresentação visual do site, e o diretor, que desempenha funções de caráter mais administrativo (JORNALISTA, 2006, p. 63 - 64).

Já numa agência de notícias, os trabalhos são realizados pelos repórteres e fotógrafos “responsáveis pela apuração de fatos que acontecem no Brasil e no exterior” (JORNALISTA, 2006, p. 67).

A maioria trabalha numa cobertura geral de todos os assuntos, mas algumas agências fazem um trabalho segmentado e se especializam na apuração de um único setor. Há agências de notícias que atuam nas áreas

de tecnologia, economia, moda ou esportes, entre outras. O material apurado por essas empresas, na forma de textos e imagens, é organizado pelos editores e vendido para os veículos de comunicação (JORNALISTA, 2006, p. 67).

#### 2.1.4 O jornalismo na mídia eletrônica

No rádio, “o jornalista costuma ser mais dinâmico do que nos veículos impressos”, devido a instantaneidade das notícias que não necessitam de imagens (JORNALISTA, 2006, p. 65). Tanto no rádio, quanto na *internet* e agências de notícias, a forma rápida e instantânea de se divulgar a matéria é tão grande, pois se trata de veículos que trabalham com informações produzidas quase ao mesmo tempo em que os fatos acontecem. A vantagem do rádio é o fato de que é o único veículo em que o ouvinte pode exercer outras funções enquanto escuta as notícias, por exemplo.

Nas redações, os apuradores fazem a rádio-escuta; ou seja, ficam atentos à programação de outras emissoras de rádio e TV e de sites, em busca de informações “quentes”, atualizadas. Os repórteres fazem entrevistas e apuram fatos de interesse coletivo, munidos de um gravador ou de um celular. [...] Assim que chegam à redação, eles escrevem seus textos e passam as entrevistas gravadas para os editores, que ficam incumbidos, ao lado dos técnicos de som, de preparar a matéria e escrever um texto de chamada, antes de colocá-la no ar. As entrevistas ao vivo podem ser feitas no estúdio e, às vezes, via celular (JORNALISTA, 2006, p. 65 - 66).

O trabalho de produção no rádio é diferente da produção na TV. No rádio os produtores contam com ajuda de assistentes de produção, com o objetivo de roteirizar o programa. Além disso eles controlam todo o conteúdo do radiojornal, além de, claro, marcarem o tempo das matérias e o momento em que os entrevistados e repórteres entram ao vivo (JORNALISTA, 2006, p. 66). A função dos redatores é simplesmente escrever os textos que devem ir ao ar, “a partir de informações obtidas pelos apuradores e pelas agências de notícias” (JORNALISTA, 2006, p. 66). A coordenação do trabalho dos apuradores, repórteres e redatores fica a cargo dos chefes de reportagem, que também decidem a distribuição das pautas para os repórteres, a abordagem de cada matéria e o que deve ser apurado (JORNALISTA, 2006, p. 66).

Na TV, todas as equipes, do ponto de vista do jornalismo, possuem métodos de trabalho diferentes, dependendo do tamanho da empresa e dos recursos que ela oferece. Porém há uma estrutura básica entre elas “com pauteiros, chefes de pauta, repórteres, cinegrafistas, editores de texto e de imagem, chefia de reportagem,

coordenadores de rede, editores-chefes, chefes de redação e diretores de jornalismo, além do apresentador” (JORNALISTA, 2006, p. 64). Diferentemente do rádio ou de veículos digitais, onde o repórter muitas vezes tem a liberdade de produzir, reportar, redigir e editar a própria matéria, nas grandes emissoras de TV, muitas vezes o repórter recebe a pauta pronta do produtor. É claro que isso é influenciado também pelo porte, tamanho da empresa. Na TV, não há muita liberdade de se fazer um trabalho independente. O trabalho em equipe é fundamental, pois há a necessidade da imagem, conseqüentemente a necessidade de um cinegrafista e de um auxiliar de cinegrafia.

Nas emissoras de TV, os pauteiros, quando há, “tem um papel muito parecido com o do repórter, pois são eles que fazem a pré-apuração e agendam as entrevistas” (JORNALISTA, 2006, p. 64). Porém em muitas redações, o trabalho de agendar entrevistas, apurar os fatos e buscar pautas fica a cargo da produção. “O chefe de pauta coordena os temas de toda a programação de jornalismo da emissora, para evitar que duas equipes, de diferentes programas, se cruzem numa mesma reportagem” (JORNALISTA, 2006, p. 64).

Já o trabalho do chefe de reportagem é coordenar o trabalho feito pelos repórteres e cinegrafistas. Ele é quem “tem o conhecimento de todo o material que foi apurado para o telejornal daquele dia. Por isso, se necessário, é o responsável pela solicitação de matérias para afiliadas da emissora, no caso das redes de TV” (JORNALISTA, 2006, p. 64).

O trabalho dos editores é um pouco diferente.

Os editores de texto e de imagem trabalham juntos na finalização das matérias apuradas pelas equipes de reportagem. Os primeiros finalizam os textos redigidos pelos repórteres, enquanto os técnicos cuidam da edição das imagens obtidas pelos cinegrafistas. Assim como os cinegrafistas, os editores de imagens são técnicos que, na maioria das vezes, não freqüentam o curso de jornalismo (JORNALISTA, 2006, p. 66 - 65).

Cada telejornal possui um editor-chefe que fica responsável por todo o trabalho da equipe. Alguns são os próprios apresentadores do telejornal, os chamados “âncoras”. As emissoras possuem ainda um diretor de jornalismo, que é responsável pelos telejornais que vão ao ar (JORNALISTA, 2006, p. 65).

No livro de Hermano Henning *Via Satélite – Histórias de um correspondente internacional*, ele destaca que na TV, quando o repórter está por conta da reportagem, é importante conversar e discutir com o cinegrafista, até pelo fato de que é um veículo que necessita de imagem.

Televisão é diferente de jornal, nesse aspecto. O veículo exige trabalho de equipe, o repórter não consegue fazer um bom trabalho sozinho. Sem um bom cinegrafista, não existe um bom repórter. [...] a reportagem que a gente chama de matéria [...], tem o tempo básico de um minuto. Exigência dos editores, que querem apresentar o maior número de matérias no menor espaço de tempo. É claro que há exceções. Mas essa é a regra geral. Por isso, o chamado “poder de síntese” tem de funcionar (HENNING, p. 10).

Mas escrever pouco não é o bastante. Na TV, fazer perguntas curtas, diretas e objetivas e não deixar o entrevistado responder muito é fundamental para facilitar o trabalho do editor de imagens, pois no “fechamento” e na correria do dia-a-dia é necessário pensar no tempo e colocar o jornal no ar (HENNING, p. 10).

Muitas vezes, o editor de videoteipe – o homem encarregado de montar a matéria na máquina –, tem poucos minutos para completar o trabalho: emendar a narração do repórter com as “passagens” – momentos em que o repórter aparece de frente para a câmera, pronunciando um texto previamente escrito e decorado que o telespectador tem a impressão de se tratar de um bem articulado improvisado, fazer as “sonoras” e os “sobe-sons” nas entrevistas (muitas vezes, uma frase ou pedaço de frase de um entrevistado, que os americanos chamam de *sound-bite*). É comum não haver nem tempo suficiente para assistir com atenção às imagens que o cinegrafista captou. Escolher as melhores tomadas, nessas condições, fica difícil (HENNING, p. 10 - 11).

Quando se trata de matérias especiais, para documentários ou revistas eletrônicas, por exemplo, onde as matérias são produzidas em dias e não em minutos, o trabalho é diferenciado, pois o tempo para produzi-las é maior, porém são reportagens que “precisam ser mais chamativas, mais fortes, mais interessantes” (HENNING, p. 11).

## 2.2 TV

A televisão brasileira foi oficialmente inaugurada, de acordo com o livro *50 anos de TV no Brasil*, de J.B. de Oliveira Sobrinho Boni, no dia 18 de setembro de 1950 “com transmissões da PRF-3 – TV Tupi de São Paulo – canal 3. Às 21 horas foi transmitido, com diversos problemas técnicos e uma hora de atraso, o espetáculo inaugural *Show na Taba*, apresentado por Homero Silva” (SOBRINHO-BONI, 2000, p. 296). A primeira transmissão externa apresentada ao vivo pela TV Tupi de São Paulo foi o jogo entre São Paulo e Palmeiras, no dia 15 de outubro de 1950. No ano seguinte a emissora inaugura a TV Tupi, canal 6, no Rio de Janeiro, “também pertencente à cadeia de Emissoras Associadas de Assis Chateaubriand” (SOBRINHO-BONI, 2000, p. 297).

Em 1969, várias revoluções para a televisão brasileira, pois no dia 28 de fevereiro,

entra na era das comunicações via satélite, com inauguração da estação terrestre Tanguá I, no município de Itaboraí. A primeira imagem transmitida foi a do locutor Hilton Gomes, da Rede Globo, tendo o Coliseu ao fundo, diretamente de Roma via Intelsat III. 15 de junho a TV Cultura de São Paulo passa a operar como prestadora de serviços públicos, sem fins lucrativos e administrada pela Fundação Padre Anchieta. 20 de junho as emissoras de televisão transmitem, via Embratel, a chegada do homem à Lua. A transmissão foi feita em *pool* pela TV Globo e TV Tupi por Gontijo Theodoro, Heron Domingues, Hilton Gomes e Rubens Amaral. 1º de setembro estréia o *Jornal Nacional*, telejornal da Rede Globo e primeiro informativo da televisão brasileira transmitido para todo o território nacional, inaugurando oficialmente a rede de microondas da Embratel (SOBRINHO-BONI, 2000, p. 302 - 303).

Em meados dos anos 70 iniciam-se as primeiras transmissões em cores no Brasil, pois até então a transmissão era em preto e branco. No dia 21 de junho de 1970 há a transmissão para todo o Brasil do Mundial de Futebol, via Embratel. “A cobertura da Copa do México foi transmitida em *pool* e podia também ser captada em cores por aparelhos adaptados” (SOBRINHO-BONI, 2000, p. 303). Mas o que marcou o início das transmissões em cores no Brasil foi a Festa da Uva em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, em 19 de fevereiro de 1972.

Como testes, a Bandeirantes transmitiu programas de estúdio e de jornalismo. A TV Globo transmitiu a *Discoteca do Chacrinha* e a TV Gazeta de São Paulo vários programas, como *Vida em movimentos*, de Vida Alves. Em 31 de março na Globo o Especial *Meu primeiro Baile*, de Janete Clair. (SOBRINHO-BONI, 2000, p. 302 - 303).

Em fevereiro de 1985 é lançado, pela Embratel, “o primeiro satélite doméstico de comunicação”. “O Satélite colocou à disposição de emissoras de televisão 24 canais, além de outros serviços” (SOBRINHO-BONI, 2000, p. 307). Cinco anos depois, em 20 de outubro de 1990 estréia no Brasil a MTV, “resultado da Associação do Grupo Abril com a MTV Americana” (SOBRINHO-BONI, 2000, p. 307). No ano seguinte, no dia 16 de janeiro de 1991, o Brasil acompanha a transmissão da Guerra do Golfo Pérsico, ao vivo. Tudo isso ocorreu via satélite, “por todas as emissoras que transmitem a geração da CNN dos Estados Unidos”.

Inicia-se a partir daí a televisão por assinatura. Em 3 de junho de 1991,

entra em operação a TVA, primeiro serviço em grande escala de televisão por assinatura. A cidade paulista de Presidente Prudente, por iniciativa local, foi a primeira a operar esse tipo de serviço. Em 26 de outubro, estreava a Globosat, que originou a NET (SOBRINHO-BONI, 2000, p. 308).

A partir do ano de 1992, começa a surgir o processo de interatividade da TV brasileira, quando a Rede Globo estréia *Você Decide*, programa que o telespectador

poderia escolher um dos dois finais de uma história, por meio de votos por telefone. Algo tão interessante, “cujo o formato foi vendido para mais de trinta países, incluindo a BBC britânica” (SOBRINHO-BONI, 2000, p. 308).

A TV analógica com as suas respectivas antenas possui sistemas de recepção diferentes, ou seja, sistema de recepção VHF e o UHF.

O sistema de recepção VHF é termo em inglês que significa *Very High Frequency*, ou seja, frequência muito alta e “é conhecida por ser mais suscetível às interferências dos ruídos produzidos pelo homem, como os decorrentes de sistemas de ignição de carros, sinais néon ou equipamentos elétricos” (DUARTE, 1996, p. 77)

As características da propagação das frequências do VHF são ideais para uma comunicação terrestre a curta-distância. No VHF, o comprimento de sua onda é de 2m e a faixa abrange frequências de 130.000 a 170.000 Mhz, onde encontramos as transmissões de rádio FM, alguns canais de TV (canais 2 ao 13), aviões, rádios amadores e comunicações públicas como: polícia, bombeiro, exército e outros. De forma geral é conhecido como a transmissão por antena nas TVs abertas. É uma faixa melhor para longas distâncias em áreas abertas e zonas não urbanizadas (LUIZA, 2010).

Já o sistema UHF significa em inglês *Ultra High Frequency*, ou seja, “ultra alta” freqüência e “designa a faixa de radiofrequências de 300 MHz até 3 GHz”

É uma frequência comum para propagações de sinais de televisão, rádio e transceptores. UHF é a transmissão por TV a cabo. No UHF, além da faixa para radioamadores, existem alguns canais de TV, links entre centrais telefônicas, troca de dados, os celulares. É uma frequência indicada para grandes centros urbanos porque possui capacidade de reflexão e penetração em obstáculos feitos pelo homem como aço e concreto dos prédios, das pontes, entre outros. No entanto, na montanha ou no campo, é mais comum utilizar o VHF já que o UHF tem uma reflexão de onda pior que o VHF em folhagens, gelo e rios (LUIZA, 2010).

É importante destacar, ainda sobre a *Ultra High Frequency*, uma contradição. Duarte afirma que UHF “já foi conhecida por ser mais facilmente bloqueada por prédios e até mesmo árvores (1951), ricocheteando no chão e em superfícies metálicas (Benrey, 1964 *in* DUARTE, 1996, p. 77)”. Mais voltado para o campo da física, Duarte menciona que “de fato, as leis da física determinam que quanto maior a frequência, menor o comprimento da curva e mais fácil o bloqueio” (DUARTE, 1966, p. 77 - 78).

O sinal digital possui formatos de transmissão diferentes e são usados “por algumas TVs a cabo” (LUIZA, 2010). Com a digitalização das imagens não há problemas de interferências nem ruídos do sinal analógico, pois “a faixa de frequência é menos do que a do sinal analógico (mais informação é transmitida na mesma faixa de frequência) (LUIZA, 2010).



Há também atualmente a maior resolução de imagem, ou seja, *High Definition Television* – HDTV (LUIZA, 2010).

Este padrão prioriza a nitidez e qualidade da imagem em detrimento do número máximo de canais a serem transportados em uma mesma frequência. É um sinal bem mais resistente às interferências e a banda de transmissão é quatro vezes menor do que a do formato analógico. A definição de imagem é de 720 linhas horizontais (podendo chegar a 1080 com entrelaçamento de linhas). O som é Surround de 5.1 canais (LUIZA, 2010).

Em suma, o sistema analógico “diz-se do dispositivo ou sistema em que os sinais variam continuamente e não passo-a-passo” e o sistema digital, que será tratado mais adiante, “Diz-se do dispositivo ou sistema em que as informações são obtidas a partir de níveis pulsantes, ligado-desligado, alto-baixo, ao invés de a partir de uma variação contínua, como no sistema analógico” (PAIVA, 1987, p. 141 - 142).

A diferença entre o receptor digital e analógico é a seguinte:

A primeira grande diferença é que no analógico, devido ao seu sistema que utiliza ondas de rádio continuamente variáveis, permite ter mais interferências e ruídos (fantasmas e chuviscos.) Seu sinal ocupa uma faixa de frequência bem maior. A definição de imagem é de 480 linhas horizontais e o padrão de som é estéreo. Já o sistema digital trabalha binariamente, ou seja, ou o sinal chega ou não chega, não existindo um meio-termo como no sistema antigo analógico ou linear. Outra grande diferença, inclusive que pode ser observada a olho nu, é a proporção da tela que na linear(analógica) é de 4x3 (mais quadrada) e que na digital é de 16x9, ou seja, mais ampla horizontalmente e bem mais próxima da proporção utilizada em cinema (LUIZA, 2010).

É importante destacar que tanto o padrão analógico quanto o padrão digital vão continuar “juntos” tendo transmissões (LUIZA, 2010). “Tanto as analógicas quanto as digitais funcionarão normalmente, inclusive, se o proprietário de um receptor analógico desejar ingressar no mundo da TV Digital” e para isso é necessário “acoplar ao seu receptor analógico um decodificador com alguma perda de qualidade. A transmissão poderá ser via satélite ou por cabo garantindo a qualidade” (LUIZA, 2010).

## 2.3 TV Digital

A TV Digital teve, no Brasil, sua primeira transmissão no ano de 2007 na cidade de São Paulo – SP, em uma cerimônia com o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Tal acontecimento só aconteceu após a assinatura do decreto nº 5.820 do presidente Lula, em junho de 2006 que dispõe sobre a implantação do Sistema

Brasileiro de Televisão Digital terrestre – SBTVD-T e “estabelece diretrizes para a transição do sistema de transmissão analógica para o sistema de transmissão digital do serviço de radiodifusão de sons e imagens e do serviço de retransmissão de televisão, e dá outras providências” (BRASIL, Decreto nº5.820, 2006).

O grande diferencial da TV Digital é a capacidade de fornecer aos telespectadores novos serviços que antes não eram possíveis no sistema analógico. Dentre estes serviços, destacam-se: As recepções móveis, que dizem respeito à recepção em meios de transporte ou em receptores pessoais portáteis (celular); A gravação de programas, que possibilita o armazenamento em um disco rígido dentro do aparelho para exibição posterior, mesmo quando o espectador estiver assistindo outro canal; Acesso à Internet; Sistemas computacionais; Jogos Eletrônicos. Essas e outras aplicações se devem, principalmente ao fato de a TV Digital proporcionar a interatividade com o espectador, por meio de um canal de retorno. Essa é uma vantagem da TV Digital, pois, assim como acontece com a internet, em que sistemas e tecnologias são desenvolvidos a cada dia em todo o mundo, novos sistemas para TV Digital serão desenvolvidos ao longo dos anos (FECHINE; RÉGIS, 2010).

Há três tipos de formatos para se definir TV Digital, são elas: *High Definition Television* – HDTV, mencionado anteriormente e considerada “a melhor definição que existe, bem melhor que DVD” (SOUZA, 2006, p. 3). No HDTV é possível ver “que artistas de TV tem rugas, pés de galinhas e outros. O som é digital, começando no 2.0 até 12.1 – *Home Theater* (SOUZA, 2006, p. 3). *Standard Definition Television* – SDTV, que é algo muito próximo do DVD e *Low Definition Television* – LDTV, que é melhor do que uma imagem de televisão, porém “seria utilizado para a transmissão de conteúdo de televisão digital em aparelhos de celulares” (SOUZA, 2006, p. 3).

No Brasil, o padrão adotado foi o Japonês – ISDB. Atualmente no mundo há três tipos de padrões: O padrão Japonês – ISDB, o padrão Europeu – DVBT e o padrão Americano – ATSC.

O ISDB (*Integrated Services Digital Broadcasting*), sistema japonês de TV Digital foi criado em 1999 pelo consórcio Dibeg (*Digital Broadcasting Experts Group*), que tem a emissora NHK como principal sustentáculo. Inicialmente, o ISDB substituiu o antigo MUSE (*Multiple Sub-Nyquist Encoding*), um sistema analógico de televisão de alta definição, com modo de transmissão era via satélite. Já em 2003, os primeiros receptores para televisão digital terrestre começaram a ser comercializados, expandindo assim a TV Digital no território japonês (FECHINE; RÉGIS, 2010).

O padrão ISDB é atualmente considerado o mais avançado, se analisada a questão da tecnologia e do desempenho, isso pelo fato de que houve uma “mobilidade e flexibilidade como principal pré-requisito durante o seu desenvolvimento, sendo assim adequado para recepção portátil de dados e imagens” (FECHINE; RÉGIS, 2010). Além disso, o padrão Japonês, possibilita uma

convergência intensa capaz de suportar “modulação digital de alta qualidade e ainda engloba os conceitos de televisão de alta definição” (FECHINE; RÉGIS, 2010).

Outro grande diferencial do ISDB é a segmentação de canais. Isto significa que o canal digital é subdividido em vários sub-canais que permite assim a transmissão paralela de vários serviços. [...] o ISDB utilizou as qualidades do já existente DVB (europeu) e incrementou novos e poderosos conceitos que tornam este padrão o mais robusto da atualidade (FECHINE; RÉGIS, 2010).

O sistema de vídeo do ISDB é o MPEG-2 Vídeo, os dados é o ARIB e o áudio é o MPEG-2-ACC, além disso é um sistema que “prioriza a TV de alta definição e a recepção móvel e portátil” (SOUZA, 2006, p. 5).

O padrão Europeu – DVBT prioriza a transmissão *Standard Definition Television* – SDTV, “muito próximo do DVD” (SOUZA, 2006, p. 3) como dito anteriormente. O DVBT é uma:

“modalidade de transmissão sem grandes diferenciais para a qualidade obtida em aparelhos analógicos, mas que requer unidades decodificadas para a recepção do sinal digital mais baratas do que aquelas exigidas para captar o sinal em HDTV. Fato que repercutiu, portanto, em menores custos para o consumidor. [...] esse suporte tecnológico vem apresentando uma série de dificuldades semelhantes, sobretudo no que se refere à viabilidade dos canais pagos terrestres, bem como dos serviços interativos. A adesão a eles ficou aquém do esperado, perante a concorrência empreendida pela TV por assinatura via satélite ou a cabo.” (FECHINE; RÉGIS, 2010).

O sistema Europeu atualmente possui um valor aproximado de 417 milhões de TVs “o que dá uma média de 1,3 TV por lar, por toda Europa, Berlim está 100% digital, ou seja, lá não tem mais TV Parabólica ou de Peixe” (SOUZA, 2006, p. 4).

O Sistema de Vídeo é o MPEG-2 Vídeo, o áudio é MPEG-2 Áudio e a base de dados é a MHP MHEG. Esse sistema privilegia a Multiprogramação, interatividade e novos serviços (SOUZA, 2006, p. 4).

Já o padrão Americano – ATSC prioriza a transmissão *High Definition Television* – HDTV e “é utilizado além dos EUA, no Canadá e Coréia do Sul. Juntos totalizam 269 milhões de TVs (média de 2,1 TV por lar) [...]. O Sistema de vídeo é o MPEG-2 Vídeo, o Áudio é o Dolby AC-3 e o de dados é o DASE” (SOUZA, 2006, p. 4).

Os Estados Unidos foram os pioneiros na pesquisa sobre TV digital. No final dos anos 80, foi iniciada a discussão sobre “televisão avançada”, mais precisamente HDTV (High Definition Digital Television). Em 1987, a Comissão Federal de Comunicações dos EUA criou um comitê para elaborar um plano político e técnico sobre televisão avançada. Em 1993, o comitê já havia descartado 23 propostas de sistemas de televisão avançada, quando foi formada a Grande Aliança, que veio a divulgar o ATSC em 1996. Hoje, o ATSC é uma organização composta por aproximadamente 140 membros (entre empresas, universidades e centros tecnológicos) e é encarregada de normatizar a utilização do padrão, inclusive por outros países. Em 1997, a FCC iniciou a transição do sistema

analógico para o digital, estabelecendo canais digitais gratuitos para todas as emissoras em operação, as quais continuarão a transmitir também analogicamente até 2006 ou até quando o número de receptores domésticos digitais atingir 85% do total de existentes. As maiores cidades do país foram às primeiras contempladas com o novo sistema e, em 1998, as transmissões digitais terrestres já estavam disponíveis para mais da metade da população norte-americana (FECHINE; RÉGIS, 2010).

Souza faz uma comparação entre a TV Analógica e a TV Digital. Ele compara a resolução, qualidade de áudio, recursos e otimização de espectro.

Resolução: TV Analógica: 400x400 pixels. TV Digital: 1920x1080 pixels (HDTV) e 640x480 (SDTV). Qualidade de áudio: TV Analógica: Mono ou *Stéreo*. TV Digital: *Stéreo* ou *Surround*. Recursos: TV Analógica: Não tem. TV Digital: Interatividade e canais de áudio, jogos e compras. Otimização do Espectro: TV Analógica: Uso do espectro limitado por interferências. TV Digital: Possível uso de canais adjacentes (SOUZA, 2006, p. 5).

Souza afirma ainda que por conta das interferências atualmente, existem os “buracos” nos canais, os chamados “canais adjacentes”.

Em Campinas por exemplo temos a seguinte configuração: BAND (Canal 2); SBT (Canal 6), REDE TV (Canal 8); Cultura (Canal 10) e Globo (Canal 12, o mais caro). Exemplo de interferência que temos é o fato do SBT “pegar” nos rádios FM na frequência 88.8, isso ocorre porque o canal 7 é reservado para as emissoras de FM. Não existe nenhuma rádio FM do SBT, mas sim uma interferência entre os canais (SOUZA, 2006, p. 5).

É importante destacar também que a partir de qualquer um dos modelos, seja HDTV, SDTV ou LDTV, será possível obter “guia de programação; *Internet* na TV; *vídeo-on-demand* – VOD; jogos; *T-Commerce* – Compra pelo controle remoto” (SOUZA, 2006, p. 4).

### 3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Para saber quais as mudanças que ocorrem dentro das emissoras de TV, após a chegada da TV Digital, foi necessário fazer e aplicar um formulário de pesquisa com 13 questões. Tal formulário foi dividido em duas partes. Primeiramente a parte técnica e depois, jornalismo. As emissoras de Brasília contatadas por telefone e por e-mail, para responder o formulário, foram: Rede Globo, SBT, Record, Bandeirantes, TV Brasília, TV Brasil, TV Câmara, TV Senado e TV Justiça. As únicas emissoras que responderam foram: Globo, Record, SBT e BAND.

Todas as emissoras, exceto a TV Brasil e BAND, foram contatadas por telefone e as atendentes solicitaram mandar o formulário por e-mail. Foram enviados mais de um e-mail, sem sucesso. A atendente da TV Câmara solicitou enviar o formulário para o e-mail de Sueli Garcia e Evelin Marciel. Na TV Senado, o formulário foi enviado para Aluizio. Na TV Justiça, Carlos Eduardo. Na TV Brasília, o formulário foi para Simone Souto, que respondeu: “abri o formulário e percebi que trata-se de questões relacionadas a emissoras que já estão passando pelo processo de digitalização ou já passaram. A TV Brasília só passará por esse processo no ano que vem”, ou seja. 2011. Na TV Brasil, conversei com o pessoal da produção que me indicou falar com um rapaz da edição, mas ele parecia não estar interessado em ajudar. Ele afirmou que a TV Brasil não estava trabalhando com transmissão digital. Busquei na internet informações sobre transmissão digital da TV Brasil no site do Universo *Online* – UOL e encontrei uma notícia que dizia: “três emissoras de TV inauguram sinal digital em Brasília. A TV Brasil é a primeira emissora a transmitir o sinal de TV digital em Brasília”. Notícia do dia 21 de abril de 2009 às 15h15, em <http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2009/04/21/ult4244u3133.jhtm>

Fui questionar sobre o que ele havia me dito e a notícia que eu havia encontrado ele disse que já sabia, mas que não podia ajudar e disse ainda que quem poderia responder minhas perguntas seria o Chefe de Gabinete da Presidência da Empresa Brasil de Comunicação – EBC, Octavio Penna Pieranti. Mande um e-mail para Pieranti. A resposta foi: “li seu questionário. As questões técnicas, relativas ao sinal, devem ser respondidas pela Diretoria de Suporte. Emerson, que também recebe este e-mail, poderá encaminhá-las internamente ou

conversar com você. Já Flavia, da Diretoria de Jornalismo, que também nos lê, poderá conversar com você sobre as questões jornalísticas”.

Após ler o e-mail, fui conversar pessoalmente com a diretora de jornalismo da TV Brasil de Brasília, Flávia Rocha Mello. Durante a conversa, Mello informou que só quem poderia responder minhas questões seria Emerson Weirich, da Diretoria de Suporte. Enviei e-mail para Weirich três vezes e não tive respostas.

Na TV Bandeirantes, tive a oportunidade de conversar pessoalmente com o gerente de engenharia, Alexandre Vila e com o chefe de jornalismo, Willian Correa, que me responderam o formulário pessoalmente nos dias 13 e 19 de outubro de 2010.

A Rede Globo foi a primeira emissora a responder o formulário por e-mail. O formulário foi respondido por Iain Sample, chefe de redação.

Na Rede Record, o formulário foi respondido por Leandro Bisa, chefe de redação da Rede Record DF e também pelo diretor da área técnica. Já no Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, tive as questões respondidas pelo gerente técnico, Fernando Matos.

A primeira questão do formulário era sobre as adaptações que as emissoras tiveram que fazer nos estúdios de gravação. Todas as emissoras que responderam, ou seja, Globo, Record, SBT e BAND, tiveram trocas de câmeras e de equipamentos de edição. A TV Globo, por exemplo, também teve ajustes na iluminação e microfones, já na BAND, houve trocas na iluminação e também teleprompter – TP. Bisa, da Record, explicou que: “com a chegada da TV Digital não será necessário modificarmos todos os itens relacionados [...], porém para que nosso conteúdo local seja de alta definição será necessário, e, estamos em fase de implantação. Hoje podemos trabalhar com todos os recursos já existentes. Quando relacionamos a TV Digital, podemos diferenciar em duas maneiras: a digitalização dos equipamentos de produção de conteúdo jornalístico, como os relacionados [...] e a transmissão Digital, proporcionando uma qualidade superior de áudio e vídeo comparado à transmissão analógica. Anterior à TV Digital estávamos em processo de digitalização para proporcionar melhor qualidade, nas transmissões analógicas”.

Foi possível observar da segunda questão, sobre se houve ou não investimento em softwares de edição e produção, que todas as emissoras investiram em novos softwares.

Na questão três, sobre a antena de transmissão, observa-se que as emissoras adicionaram novas antenas. Leandro Bisa, da Record afirmou que “a adição de outra antena está relacionada diretamente com processo de aquisição de um Transmissor Digital”.

Na quarta questão, que aborda os equipamentos de reprodução e *links* externos, Leandro Bisa, da Record, Fernando Matos, do SBT e Alexandre Vila, da BAND disseram que houve adaptação, já a Iain Sample, da Globo, informou no formulário que houve troca de equipamentos.

Com relação aos meios de gravação, questão cinco, foi possível observar que as emissoras substituíram de meios. O SBT trabalha atualmente com discos ópticos. Isso, por ser de maior capacidade de armazenamento de material, ou seja, imagem e som. A TV BAND trabalha com cartões, mídias eletrônicas e ópticas. Já a Globo, com disco óptico. Bisa, da Record respondeu que “com a substituição das fitas (analógicas), para mídias (digitais)”, tiveram um ganho em qualidade desde a captação até o arquivamento.

Sobre interatividade, questões seis e sete, observa-se que todas as emissoras que responderam o formulário, pretendem sim trabalhar com tal ferramenta. Iain Sample, da Globo respondeu que vai trabalhar com interatividade no jornalismo por meio da *Web*, HDTV, SMP e Portáteis (*One Segue*). Fernando Matos, do SBT respondeu que pretende atuar com interatividade, com informações especiais e complementares, como por exemplo, bolsa, tempo etc., já Alexandre Vila, da BAND disse que haverá uma equipe para trabalhar nessa área. Haverá profissionais de grafismo, *photoshop* etc. Leandro Bisa, da Record explicou que “a interatividade proporciona recursos que antes eram impossíveis na TV Analógica; dentre diversos recursos, podemos citar a implantação de enquetes e informações complementares em determinados programas de nossa emissora, através do controle remoto do telespectador”.

Quanto aos profissionais técnicos, questão oito, observa-se que nas emissoras, houve e possivelmente haverá novas contratações e um aumento no volume de treinamento. Alexandre Vila, da BAND, por exemplo, respondeu que houve ainda substituição parcial de pessoal. Leandro Bisa, da Record respondeu que “como o processo de digitalização é totalmente diferente do analógico é essencial que haja treinamento”.

A segunda parte do formulário, que aborda mais a parte de jornalismo,

começa a partir da questão nove, que diz: “A linguagem (textual) sofreu alteração?” No SBT, Record e Globo não houve alteração. Alexandre Vila, da BAND respondeu que sim. “Há sempre uma linha de melhora”

Na décima questão, sobre roupas e maquiagem, todos os formulários apresentaram as mesmas respostas, ou seja, as emissoras adotam um padrão único. Alexandre Vila, da BAND ainda complementou a resposta dizendo que evitam usar roupa branca e vermelha e que por se tratar de melhor qualidade de imagem e som, rugas e outras marcas no rosto são facilmente percebidas, por isso há consultores e pessoas treinadas para fazer maquiagem em apresentadores. A maquiagem para a TV Digital é completamente diferente, muito mais cara. Há pessoas que fazem curso de maquiagem para a TV Digital.

A questão onze foi uma questão mais aberta para as emissoras. Diz: “Com a TV Digital o que pode mudar na rotina e procedimentos do jornalista?” Alexandre Vila, da BAND respondeu que o dinamismo do jornalismo deve aumentar. A agilidade é maior. Vila acredita que com o tempo, o próprio jornalista poderá um dia sair sozinho com a câmera, posicioná-la, montar o tripé e gravar sonoras (as entrevistas propriamente dita) e a passagem (quando o repórter fala de algum local diante da câmera e passa uma informação de uma matéria), mas claro que dependendo da pauta, ou seja, da matéria, muitas vezes a ajuda de um cinegrafista e auxiliar de cinegrafista é fundamental. Fernando, do SBT respondeu que o que muda na rotina e procedimentos do jornalista é o “posicionamento, maquiagem, e orientação nas tomadas de imagem por haver um maior plano de abertura”. Já Iain, da Globo disse que “exige mais cuidado na captação e agilidade no envio do material para emissora, pois o mesmo é capturado nas ilhas de edição o que leva algum tempo”. Bisa, da Record respondeu que “o jornalismo se reinventa diariamente. Mas a essência continua a mesma. Apurar informações e produzir notícias”.

Na questão doze que diz: “Com a TV Digital e a simplificação do uso dos equipamentos o jornalista assume funções e atividades anteriormente executadas por técnicos”, a resposta foi sim em todas as emissoras exceto na Record. Bisa, da Rede Record marcou a opção “Provavelmente ainda não”. Talvez o que Vila, da BAND diz seja uma tendência num futuro não muito distante. O Jornalista poderá sair sozinho com o equipamento e fazer a matéria.

A última questão foi um pouco diferenciada das outras. Diz: “Das funções a seguir como podem ficar com a implementação da TV Digital”. As emissoras tiveram



algumas respostas semelhantes:

- Coordenador de programação: As emissoras pretendem manter esses cargos. BAND e Globo vão valorizá-las.

- Auxiliar de externa: Globo e SBT vão valorizar esse cargo. Alexandre Vila, da BAND respondeu que vai manter, mas ainda é uma coisa indefinida, pois houve redução. Há atualmente três equipes.

- Diretor de TV: As emissoras vão manter o cargo. Globo e BAND vão valorizá-las.

- Editor de jornalismo: Apenas Vila, da BAND respondeu e fez uma correção, disse que o editor de jornalismo é o editor de texto e imagem. O cargo permanece, mas houve redução.

- Editor de TV: Globo e SBT vão valorizar. BAND vai apenas manter.

- Encarregado de suprimentos: Apenas houve resposta da Globo e BAND sobre esse cargo. Globo pretende valorizar. BAND vai apenas manter.

- Operador de cabo: Cargo extinto para Globo, BAND e SBT.

- Operador de áudio: As emissoras vão permanecer com o cargo. A Globo vai valorizar.

- Operador de câmera, Operador de controle geral e Operador de gerador de caracteres – GC: SBT e BAND vão manter. Iain Sample, da Globo respondeu que será um cargo extinto.

- Operador de VT: BAND vai valorizar. Globo e SBT pretendem extinguir.

- Operador de transmissor: Fernando, do SBT respondeu que ainda está indefinida sobre o que ocorrerá com esse cargo. Iain, da Globo respondeu que será extinta. Vila, da BAND disse que permanecerá.

- Pauteiro: Apenas Iain, da Globo e Alexandre Vila, da BAND responderam. Iain respondeu que irá manter e valorizar tal cargo, já Vila respondeu que essa é uma função do produtor e editor de texto e que por tanto, esses cargos permanecem.

- Repórter cinematográfico: Iain, da Globo respondeu que será extinto. SBT vai manter e BAND vai manter e valorizar.

- Supervisor técnico: Iain, da Globo respondeu que será extinto. Fernando, do SBT respondeu que ainda está indefinida e BAND vai manter.

No formulário respondido pela Rede Record, todos os cargos citados acima permanecerão.

Durante a entrevista na BAND, Alexandre Vila, gerente de engenharia, disse que as emissoras estão ainda fazendo a transmissão analógica e digital “já que grande parte da população ainda tem aparelhos analógicos”, afirmou. No ano de 2006 foi determinado que o Brasil e as emissoras têm um período de 10 anos para adaptar-se ao Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre – SBTVD-T, como mostrou o artigo 10 do decreto nº 5.820, que dispõe sobre a implantação do SBTVD-T.

Vila acrescentou que ainda estamos em um período de muitos testes. A antena de TV Digital em Brasília ainda não está pronta e que por esse motivo, as emissoras tiveram que “correr para todos os lados”. A Rede Globo, por exemplo, usa atualmente a antena da Companhia Energética de Brasília – CEB para transmitir os sinais digitais. Vila afirmou que todo o conteúdo da BAND é produzido com equipamentos modernos e o material é todo em digital, apesar de ainda transmiti-los também no analógico e que o futuro já está na palma da mão, ou seja, as pessoas já podem ver televisão no ônibus, metrô com aparelhos de celular, *iphones* e outros que já transmitem sinal digital. São os chamados *Low Definition Television* – LDTV, que são televisões com sinal Digital, mas com uma resolução inferior ao *Standard Definition Television* – SDTV e *High Definition Television* – HDTV, ou seja, alta definição. Alexandre Vila destacou ainda que a interatividade já está se tornando algo concreto. Aparelhos já vem com controles com botões coloridos, cada um com uma função, com o objetivo de interagir o conteúdo da TV e o telespectador. Vila deu o exemplo do *Reality Show* da Rede Globo, *Big Brother Brasil*, ou seja, será possível um dia o telespectador votar, pelo controle remoto, nos participantes a serem eliminados da casa.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado resultou em questões sobre o que está ocorrendo dentro nas redações de TV e sobre o futuro, não só do jornalista, mas também das programações e das opções que as pessoas terão de ter acesso a notícia. Muitos profissionais da área dizem que as mídias, tais como TV, rádio, jornal, revista, estão ocupando um espaço na *Internet*, no *ciberespaço*. Há quem diga que o jornal impresso vai acabar. Com o avanço tecnológico e com o passar do tempo, no futuro, acredito que pequenos aparelhos com acesso à TV poderão ser mais acessíveis no Brasil para as pessoas, como o celular é atualmente. Com um simples aparelho de telefone, é possível ter acesso à TV em qualquer lugar, mesmo aqueles que não tiverem computador e acesso à *Internet*.

Nas emissoras é possível concluir que com a TV Digital, tudo muda. Desde o pessoal quanto os equipamentos. Haverá sempre investimentos em tecnologia – equipamentos. Nos formulários aplicados, observa-se que as emissoras tiveram mudanças nos estúdios, como por exemplo, iluminação, câmeras e equipamentos de edição, houve também investimentos de novos softwares, substituição de meios (fita para discos ópticos), novas contratações e treinamentos. Os jornalistas, principalmente aquele dos estúdios, tiveram que acostumar-se com as novas maquiagens, ou seja, com a TV Digital, a preparação estética será mais exigida.

Na visita a TV Bandeirantes (BAND) tive a oportunidade de conversar com Alexandre Vila, gerente de engenharia e Willian Correa, chefe de jornalismo. Na conversa pude concluir que a rotina do jornalista está em fase de mudança constante. O profissional da área que não se adaptar será descartado. “O dinamismo deve aumentar” e novas contratações e treinamento dos profissionais já contratados será algo constante nas emissoras. Pude concluir também que, após ler a resposta do formulário aplicado na Rede Record, “como o processo de digitalização é totalmente diferente do analógico é essencial que haja treinamento”. O futuro do repórter também poderá mudar, caso um dia ele não precise mais de um cinegrafista e auxiliar. Chegar na redação, pegar a pauta feita pela produção e sair para a rua fazer a matéria, talvez não seja tão simples quando estiver na responsabilidade de enquadrar o próprio material a ser editado. Além disso, todas as emissoras vão estar sempre em processo de mudança, principalmente do ponto de vista tecnológico,

como dito anteriormente. Haverá equipamentos cada vez mais sofisticados. Uso de fitas nas câmeras é algo que praticamente não existe mais. Atualmente é usado discos ópticos ou cartões de memórias das câmeras.

A interatividade também é um ponto muito importante, pois quanto maior a participação do telespectador, maior será o trabalho diferenciado nas emissoras. Leandro Bisa, da Record, por exemplo, afirmou que “a interatividade proporciona recursos que antes era impossível na TV Analógica, dentre diversos recursos, podemos citar a implantação de enquetes e informações complementares em determinados programas de nossa emissora, através do controle remoto do telespectador”.

Acredito essa monografia talvez fosse mais “rica” de informações caso todas as emissoras, inclusive as públicas, tivessem respondido o formulário. Vejo que em Brasília, os profissionais da área não estão totalmente inseridos no meio digital, estamos todos num processo ainda de experiências. O que vai e o que não vai dar certo. Talvez essa seja uma realidade diferente de São Paulo e Rio de Janeiro.

Outra questão que intriga é o fato das emissoras públicas de TV não responderem as questões e da dificuldade de conseguir entrevista com os funcionários das empresas. Talvez eles não se posicionem, pois deve haver um medo muito grande com o futuro. Estamos num período de “chuva de tecnologia” e é natural se perguntar: “O que é que eu vou fazer com tudo isso? Como será o jornalismo do futuro com essas novas ferramentas e tecnologias?”.

Acredito que o jornalismo passará sempre por mudanças e que todas as emissoras e empresas de comunicação deverão se adaptar, porém a essência do jornalismo não vai acabar. A forma como se faz jornalismo se manterá, mas as ferramentas usadas serão diferentes e os profissionais devem sempre se atualizar e se adaptar, para não serem substituídos.

A expectativa é de que o telespectador também se adapte. Até 2016 as emissoras estarão transmitindo sinal analógico e digital. É o tempo que muitos terão para possuir um aparelho de TV Digital e também o tempo para as emissoras crescerem e investirem cada vez mais em novos equipamentos e profissionais qualificados. Quando a antena de TV Digital em Brasília estiver pronta, muito provavelmente haverá mais abrangência de sinal. Muitas pessoas terão acesso a TV Digital.

## REFERÊNCIAS

BERVIAN, Pedro Alcino; CERVO, Amado Luiz; SILVA, Roberto da. *Metodologia científica*. 6ª edição. São Paulo. Pearson Prentice Hall. 2007.

BRASIL. *Decreto nº5.820*, de 29 de junho de 2006. Dispõe sobre a implantação do SBTVD-T, estabelece diretrizes para a transição do sistema de transmissão analógica para o sistema de transmissão digital do serviço de radiodifusão de sons e imagens e do serviço de retransmissão de televisão, e dá outras providências. Brasília. 2006. Disponível em: [http://sbtvd.cpqd.com.br/downloads/decreto\\_5820\\_290606.pdf](http://sbtvd.cpqd.com.br/downloads/decreto_5820_290606.pdf)

CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>

CONCEIÇÃO, Jorge Rocha Neto da. *Participatory Journalism: Conceitos e práticas informacionais na Internet*. 2005. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/handle/1904/17856>

DUARTE, Luiz Guilherme. *É Pagar Pra Ver – A TV Por Assinatura em Foco*. São Paulo. Summus Editorial. 1996.

FECHINE, Joseana Macêdo; RÉGIS, Marcus Vinícius de O. *Introdução ao sistema de TV Digital*. 2010. Disponível em: [http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/atividades/Artigos/ARTIGO\\_TVDIGITAL.pdf](http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/atividades/Artigos/ARTIGO_TVDIGITAL.pdf)

HENNING, Hermano. *Via Satélite – Histórias de um correspondente internacional*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Editora Globo. 1996.

JORNALISTA. *Série profissões – jornalista*. São Paulo. Publifolha. 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 6ª edição. São Paulo. Editora Atlas. 2001.

LUIZA, Magazine. *Antenas saiba tudo sobre elas – Diferenças entre sinais e como escolher a antena ideal!*. 2010. Disponível em: <http://www.magazineluiza.com.br/Portaldalu/verConteudo.asp?id=679> . Acesso em: 16 de setembro de 2010 às 13h51.

MATTAR, Fauze Najib. *Pesquisa de Marketing: metodologia e planejamento – Volume 1*. 5ª edição. São Paulo. Editora Atlas S.A. 1999.

PAIVA, Geraldo Loures dos Santos. *Antena parabólica – TV satélite ao alcance doméstico*. Rio de Janeiro. Ciência Moderna Computação LTDA. 1987.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo. Hacker Editores. 2001.

SOBRINHO-BONI, J.B. de Oliveira. *50 anos de TV no Brasil*. São Paulo. Ed. Globo, 2000.

SOUZA, Thiago Nogueira. *TV Digital Brasileira – Conceitos e definições*. Campinas. 2006. Disponível em:  
[http://artigocientifico.tebas.kinghost.net/uploads/artc\\_1151236911\\_80.doc](http://artigocientifico.tebas.kinghost.net/uploads/artc_1151236911_80.doc)

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são – Volume 1*. Florianópolis. Editora Insular. 2005.

**ANEXO**

**SIGLAS**

HDTV – *High Definition Television* (Televisão de Alta Definição);

SDTV – *Standard Definition Television* (Televisão de Definição “Padrão/Normal/Comum”);

LDTV – *Low Definition Television* (Televisão com Resolução de Baixa Definição);

ISDB – *Integrated Services Digital Broadcasting* (Serviço Integrado de Transmissão Digital);

ATSC – *Advanced Television System Committee* (Comissão de Sistema Avançado de Televisão);

DVB – *Digital Video Broadcasting* (Transmissão de Vídeo Digital);

DVB-T – *Digital Video Broadcasting* (Transmissão de Vídeo Digital Terrestre).





**8** – Quanto aos profissionais técnicos:

- a)  Houve novas contratações
- b)  Aumentou o volume de treinamento
- c)  Houve substituição parcial de pessoal
- d)  Não houve alteração

**2ª Parte: Jornalismo**

**9** – A linguagem (textual) sofreu alteração?

- a)  Sim
- b)  Não
- c)  Ainda não
- d)  Não será alterada

**10** – Com relação a roupa, maquiagem:

- a)  Manterá o mesmo padrão
- b)  Haverá mais liberdade na escolha
- c)  A emissora adota padrão único
- d)  A maquiagem é pessoal

**11** – Com a TV Digital o que pode mudar na rotina e procedimentos do jornalista?

---



---



---

**12** – Com a TV Digital e a simplificação do uso dos equipamentos o jornalista assume funções e atividades anteriormente executadas por técnicos

- a)  Sim
- b)  Não
- c)  Provavelmente ainda não

**13** – Das funções a seguir como podem ficar com a implantação da TV Digital

<b>Função</b>	<b>Permanece</b>	<b>Será extinta</b>	<b>Será Valorizada</b>	<b>Indefinido</b>
Coordenador de Programação				
Auxiliar de externa				
Diretor de TV				
Editor de jornalismo				
Editor de TV				

<b>Função</b>	<b>Permaneçe</b>	<b>Será extinta</b>	<b>Será Valorizada</b>	<b>Indefinido</b>
Encarregado de Suprimentos				
Operador de Iluminação				
Operador de cabo				
Operador de áudio				
Operador de câmera				
Operador de controle geral				
Operador de gerador de caracteres - GC				
Operador de VT				
Operador de transmissor				
Pauteiro				
Repórter cinematográfico				
Supervisor técnico				

Rede Globo

Respondido por: Iain Sample, chefe de redação.

O questionário a seguir sobre as transformações no telejornalismo, após a chegada da TV Digital, é parte de uma pesquisa acadêmica de Fábio Nunes Leão Seabra, aluno de jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Todos os dados fornecidos serão usados única e exclusivamente para o escopo da pesquisa citada. Por favor, encaminhe as questões respondidas para [fabioleao88@gmail.com](mailto:fabioleao88@gmail.com)

Desde já agradeço a sua tão valiosa colaboração.

Fábio Nunes Leão Seabra  
Brasília – DF, 14 de outubro de 2010

### Formulário de Pesquisa

#### **1ª Parte: Parte Técnica**

**1** – Para a chegada da TV Digital houve adaptações de estrutura no estúdio (marque quantas necessárias)

- a)  Nenhuma                      b)  Iluminação                      c)  Acústica  
d)  Câmeras                      e)  Equipamentos de Edição                      f)  Microfones  
g)  Teleprompter – TP                      h)  Outros: \_\_\_\_\_
- 
- 

**2** – Houve investimento em softwares de edição e produção

- a)  Sim                      b)  Não                      c)  Ainda não

**3** – Quanto a antena de transmissão, houve:

- a)  Troca                      b)  Adição de outra antena                      c)  Adaptação  
d)  Outra situação: \_\_\_\_\_
- 

**4** – Equipamentos de reprodução e *links* externos, houve:

- a)  Troca                      b)  Manutenção                      c)  Adaptação

**5** – Com relação aos meios de gravação

- a)  Mantém os mesmos meios (fitas etc.)  
b)  Houve substituição de meios. Qual o motivo?  
Midias, Fita para Disco Óptico
- 

**6** – A emissora pretende trabalhar com interatividade?

- a)  Sim                      b)  Não                      c)  Ainda não decidido



<b>Função</b>	<b>Permanece</b>	<b>Será extinta</b>	<b>Será Valorizada</b>	<b>Indefinido</b>
Diretor de TV	Sim	Não	Sim	Sim
Editor de jornalismo				
Editor de TV	Sim	Não	Sim	sim
Encarregado de Suprimentos	Não	Não	sim	sim
Iluminação	sim	Não	sim	sim
Operador de cabo	não	Sim	não	não
Operador de áudio	sim	Não	sim	sim
Operador de câmera	não	Sim	não	não
Operador de controle geral	não	Sim	não	não
Operador de gerador de caracteres - GC	não	Sim	não	não
Operador de VT	não	Sim	não	não
Operador de transmissor	não	Sim	não	não
Pauteiro	sim	Não	sim	Não
Repórter cinematográfico	não	sim	não	Não
Supervisor técnico	não	sim	não	Não

Rede Record

Respondido por: Leandro Souza Bisa, chefe de redação da Rede Record DF e o Diretor da área técnica.

O questionário a seguir sobre as transformações no telejornalismo, após a chegada da TV Digital, é parte de uma pesquisa acadêmica de Fábio Nunes Leão Seabra, aluno de jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Todos os dados fornecidos serão usados única e exclusivamente para o escopo da pesquisa citada. Por favor, encaminhe as questões respondidas para [fabioleao88@gmail.com](mailto:fabioleao88@gmail.com)

Desde já agradeço a sua tão valiosa colaboração.

Fábio Nunes Leão Seabra  
Brasília – DF, outubro de 2010

### Formulário de Pesquisa

#### **1ª Parte: Parte Técnica**

**1** – Para a chegada da TV Digital houve adaptações de estrutura no estúdio (marque quantas necessárias)

- a)  Nenhuma                      b)  Iluminação                      c)  Acústica  
d)  Câmeras                      e)  Equipamentos de Edição                      f)  Microfones  
g)  Teleprompter – TP                      h)  Outros: Com a chegada da TV Digital não será necessário modificarmos todos os itens relacionados acima, porém para que nosso conteúdo local seja de alta definição será necessário, e, estamos em fase de implantação. Hoje podemos trabalhar com todos os recursos já existentes.

Quando relacionamos a TV Digital, podemos diferenciar em duas maneiras: A digitalização dos equipamentos de produção de conteúdo jornalístico, como os relacionados acima e a transmissão Digital, proporcionando uma qualidade superior áudio e vídeo comparado à transmissão analógica.  
Anterior à TV Digital estávamos em processo de digitalização para proporcionar melhor qualidade, nas transmissões analógicas.

**2** – Houve investimento em softwares de edição e produção

- a)  Sim                      b)  Não                      c)  Ainda não

**3** – Quanto a antena de transmissão, houve:

- a)  Troca                      b)  Adição de outra antena                      c)  Adaptação  
d)  Outra situação: A adição de outra antena está relacionada diretamente com processo de aquisição de um Transmissor Digital.

**4** – Equipamentos de reprodução e *links* externos, houve:

- a)  Troca                      b)  Manutenção                      c)  Adaptação





**13 – Das funções a seguir como podem ficar com a implantação da TV Digital**

<b>Função</b>	<b>Permanece</b>	<b>Será extinta</b>	<b>Será Valorizada</b>	<b>Indefinido</b>
Coordenador de Programação	ok			
Auxiliar de externa	ok			
Diretor de TV	ok			
Editor de jornalismo	ok			
Editor de TV	ok			
Encarregado de Suprimentos	ok			
Iluminação	ok			
Operador de cabo	ok			
Operador de áudio	ok			
Operador de câmera	ok			
Operador de controle geral	ok			
Operador de gerador de caracteres - GC	ok			
Operador de VT	ok			
Operador de transmissor	ok			
Pauteiro	ok			
Repórter cinematográfico	ok			
Supervisor técnico	ok			

Sistema Brasileiro de Televisão – SBT

Respondido por: Fernando Matos, gerente técnico do SBT.

O questionário a seguir sobre as transformações no telejornalismo, após a chegada da TV Digital, é parte de uma pesquisa acadêmica de Fábio Nunes Leão Seabra, aluno de jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Todos os dados fornecidos serão usados única e exclusivamente para o escopo da pesquisa citada. Por favor, encaminhe as questões respondidas para [fabioleao88@gmail.com](mailto:fabioleao88@gmail.com)

Desde já agradeço a sua tão valiosa colaboração.

Fábio Nunes Leão Seabra  
Brasília – DF, outubro de 2010

### Formulário de Pesquisa

#### **1ª Parte: Parte Técnica**

**1** – Para a chegada da TV Digital houve adaptações de estrutura no estúdio (marque quantas necessárias)

- a)  Nenhuma                      b)  Iluminação                      c)  Acústica  
d)  Câmeras                      e)  Equipamentos de Edição                      f)  Microfones  
g)  Teleprompter – TP    h)  Outros: \_\_\_\_\_
- 
- 

**2** – Houve investimento em softwares de edição e produção

- a)  Sim                      b)  Não                      c)  Ainda não

**3** – Quanto a antena de transmissão, houve:

- a)  Troca                      b)  Adição de outra antena                      c)  Adaptação  
d)  Outra situação: \_\_\_\_\_
- 
- 

**4** – Equipamentos de reprodução e *links* externos, houve:

- a)  Troca                      b)  Manutenção                      c)  Adaptação

**5** – Com relação aos meios de gravação

- a)  Mantém os mesmos meios (fitas etc.)  
b)  Houve substituição de meios. Qual o motivo? Discos óticos. Maior capacidade de armazenamento.
-

6 – A emissora pretende trabalhar com interatividade?

- a)  Sim                                      b)  Não                                      c)  Ainda não  
decidido

7 – Responda apenas se a resposta da questão 6 for sim.  
Como pretende atuar com a interatividade no jornalismo?

Informações especiais e complementares, bolsa, tempo etc.

---

---

8 – Quanto aos profissionais técnicos:

- a)  Houve novas contratações  
b)  Aumentou o volume de treinamento  
c)  Houve substituição parcial de pessoal  
d)  Não houve alteração

## 2ª Parte: Jornalismo

9 – A linguagem (textual) sofreu alteração?

- a)  Sim                                      b)  Não                                      c)  Ainda não  
d)  Não será alterada

10 – Com relação a roupa, maquiagem:

- a)  Manterá o mesmo padrão  
b)  Haverá mais liberdade na escolha  
c)  A emissora adota padrão único  
d)  A maquiagem é pessoal

11 – Com a TV Digital o que pode mudar na rotina e procedimentos do jornalista?

Posicionamento, maquiagem e orientação nas tomadas de imagem por ter um maior plano de abertura.

---

12 – Com a TV Digital e a simplificação do uso dos equipamentos o jornalista assume funções e atividades anteriormente executadas por técnicos

- a)  Sim                                      b)  Não                                      c)  Provavelmente  
ainda não

**13 – Das funções a seguir como podem ficar com a implantação da TV Digital**

<b>Função</b>	<b>Permanece</b>	<b>Será extinta</b>	<b>Será Valorizada</b>	<b>Indefinido</b>
Coordenador de Programação	X			
Auxiliar de externa			X	
Diretor de TV	X			
Editor de jornalismo				
Editor de TV			X	
Encarregado de Suprimentos				
Operador de Iluminação			X	
Operador de cabo		X		
Operador de áudio	X			
Operador de câmera	X			
Operador de controle geral	X			
Operador de gerador de caracteres - GC	X			
Operador de VT		X		
Operador de transmissor				X
Pauteiro				
Repórter cinematográfico	X			
Supervisor técnico				X

Rede Bandeirantes – TV BAND

Respondido por: Alexandre Vila, gerente de engenharia e Willian Correa, chefe de jornalismo em 13 e 19 de outubro de 2010.

O questionário a seguir sobre as transformações no telejornalismo, após a chegada da TV Digital, é parte de uma pesquisa acadêmica de Fábio Nunes Leão Seabra, aluno de jornalismo do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Todos os dados fornecidos serão usados única e exclusivamente para o escopo da pesquisa citada.

### Formulário de Pesquisa

#### **1ª Parte: Parte Técnica**

**1** – Para a chegada da TV Digital houve adaptações de estrutura no estúdio (marque quantas necessárias)

- a)  Nenhuma                      b)  Iluminação                      c)  Acústica  
 d)  Câmeras                      e)  Equipamentos de Edição                      f)  Microfones  
 g)  Teleprompter – TP                      h)  Outros: \_\_\_\_\_
- 
- 

**2** – Houve investimento em softwares de edição e produção

- a)  Sim                      b)  Não                      c)  Ainda não

**3** – Quanto a antena de transmissão, houve:

- a)  Troca                      b)  Adição de outra antena                      c)  Adaptação  
 d)  Outra situação: \_\_\_\_\_
- 
- 

**4** – Equipamentos de reprodução e *links* externos, houve:

- a)  Troca                      b)  Manutenção                      c)  Adaptação

**5** – Com relação aos meios de gravação

- a)  Mantém os mesmos meios (fitas etc.)  
 b)  Houve substituição de meios. Qual o motivo? Cartões, mídias eletrônicas, ópticos.
- 

**6** – A emissora pretende trabalhar com interatividade?

- a)  Sim                      b)  Não                      c)  Ainda não decidido



Editor de jornalismo	X			
Editor de TV	X			
Encarregado de Suprimentos	X			
Operador de Iluminação				
Operador de cabo		X		
Operador de áudio	X			
Operador de câmara	X			
Operador de controle geral	X			
Operador de gerador de caracteres - GC	X			
Operador de VT			X	
Operador de transmissor	X			
Pauteiro	X			
Repórter cinematográfico	X		X	
Supervisor técnico	X			